



# A MINHA VIDA COMO MILITAR PARA-QUEDISTA

Sou natural de Vila Fria, concelho de Viana do Castelo, terra pequena, pobre e rural, onde nasci a 15 de Junho de 1947.

Aqui vão encontrar as memórias da minha vida militar como para-quedista 1965/1968

Autor: Domingos D.S.Lário

Impressão e encadernação: Hofmann, S.L.

Fabricado na União Europeia

# NOTA PRÉVIA

Comecei a rascunhar as minhas memórias em Janeiro de 2003.

O referido afastamento temporar dos factos aqui narrados implicou um reviver de situações que passaram ao papel com pinceladas de ficção mínimas, sofrendo várias alterações, conforme dados documentais que ia recolhendo ao longo dos últimos anos. Com esta abordagem não pretendo evidenciar factos ou atitudes heróicas, mas apenas apresentar a vivência da minha vida militar numa época em que se acreditava que defender as colónias era defender Portugal.

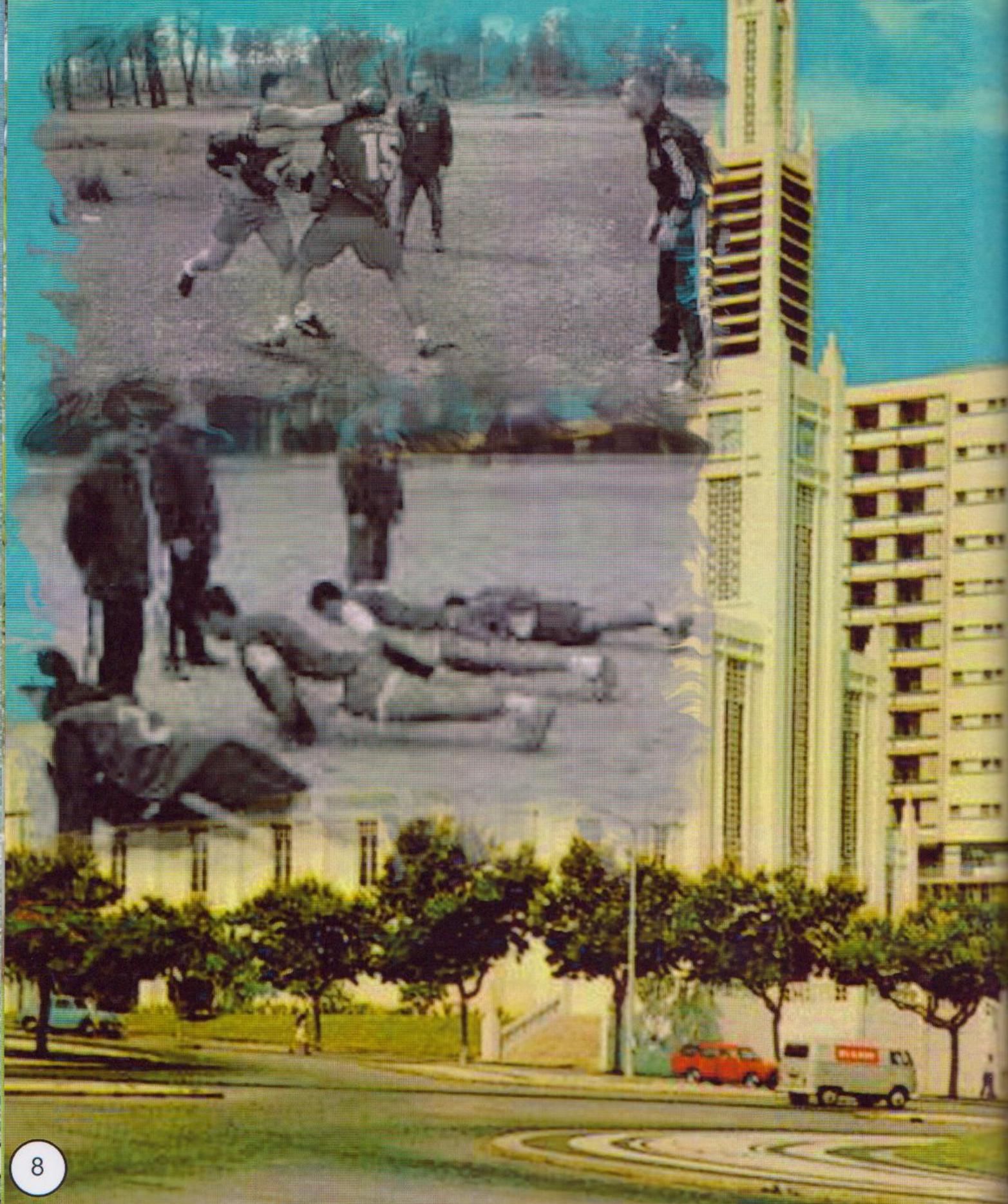
O CAPÍTULO III, desenvolve com muito pormenor as actividades operacionais com a 4<sup>a</sup>. e 2<sup>a</sup>. CCPs durante as missões de que fiz parte, sendo de realçar que os factos descritos são de um rigor absolutamente verdadeiros.

O autor,  
17/11/2017

**CAPÍTULO I;** 1956, DE VIANA DO CASTELO PARA MOÇAMBIQUE  
**CAPÍTULO II;** 32º. CURSO DE PARA-QUEDISMO MILITAR  
**CAPÍTULO III;** O ULTRAMAR E GUERRA COLONIAL

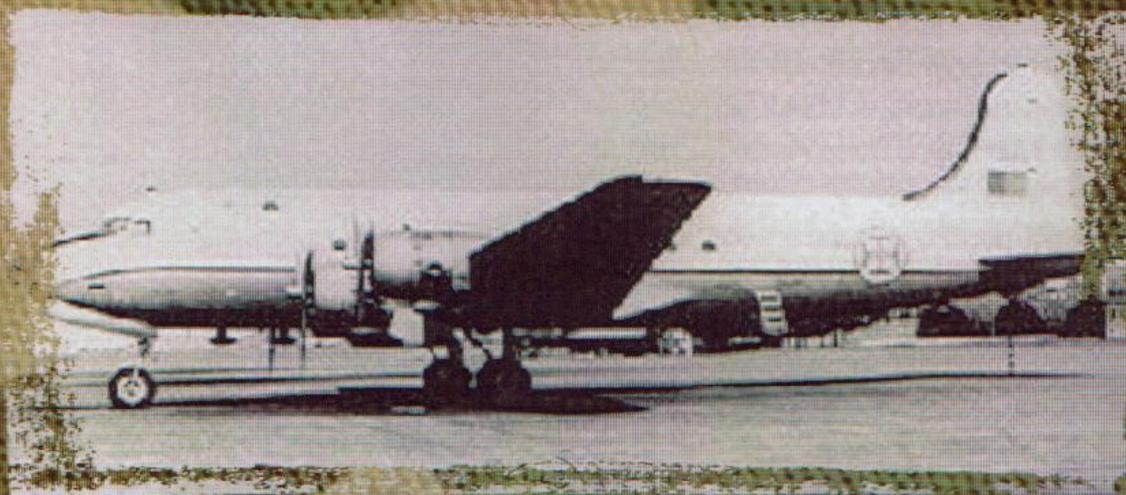


No dia 27 de Abril de 1965, no quartel militar de Boane, prestei as provas físicas para ingressar como voluntário nas tropas para-quedistas.



Agosto de 1965:

Na Base Aérea de Lourenço Marques estava estacionado um SC-54 pronto a transportar para Portugal e RCP Tancos os 22 voluntários que tinham sido apurados para frequentar o curso de pára-quedismo militar, oriundos de várias regiões de Moçambique com escala em Luanda e Guiné Bissau.



Antes de iniciar a recruta, fomos contemplados com umas curtas férias. Viajei para minha terra Natal Viana do Castelo, e na carruagem do comboio, passava o tempo a magicar como iria ser recebido pelos familiares. Desembarquei na Estação de Darque e segui a pé pela linha do caminho-de-ferro até a "ponte seca" Vila Fria. À medida que me aproximava o meu coração latejava mais depressa, por estranho que pudesse parecer aquele caminho bafejado pelo vento recordava-me algo familiar, como se abrisse dentro de mim um outro trilho paralelo.

O pai das minhas primas, mais conhecido por "Manão" devia-se lembrar de mim, pois também estivera em Moçambique. Bati no portão era já madrugada. A recepção foi fria no entanto deram-se a amabilidade de chamar o meu padrinho Adriano, irmão da minha mãe que morava ali perto e empresta-me uma bicicleta para ir a Alvarães ter com os meus avós.

Ainda não me tinha esquecido do itinerário. A única diferença que notara era a estrada. Dava a sensação de ser mais estreita do que antes. Ao ritmo do alcatrão que conduzia ao Lugar do Paço e que dividia as duas freguesias, do Sol que esventrava os campos ainda verdes e inundava as

fachadas das poucas casas térreas e à medida que me ia aproximando, o rosto transfigurava-se e em cada curva parecia acender-se uma lembrança. Como iriam reagir? Como estariam eles? Entre lágrimas, abraços, soluços... nos seus rostos espelhava-se amor, carinho, ternura, emoção. Foi um dia em que a avó, o avô e o neto, puderam partilhar um momento de cumplicidade, de tristezas e alegrias. Meu avô, continuava com os trabalhos de artesão, onde meu primo Joaquim o ajudava no trabalho. Comecei também a cavacar a madeira de cerejeira com uma enxó a tentar ajudar.

No dia 02SET65 sou incorporado como recruta no Regimento de Caçadores Pára-quedistas/Tancos com o nº.385/65.

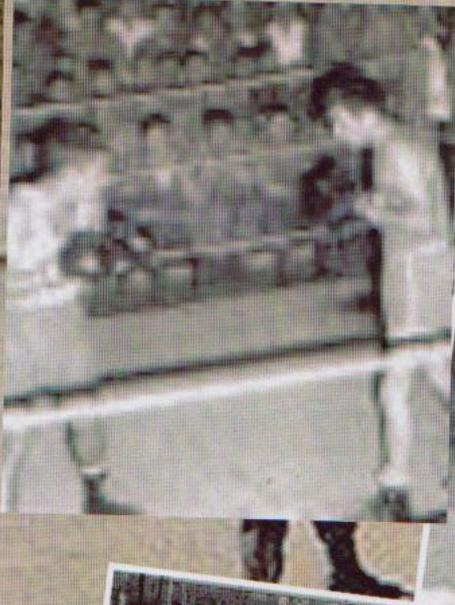
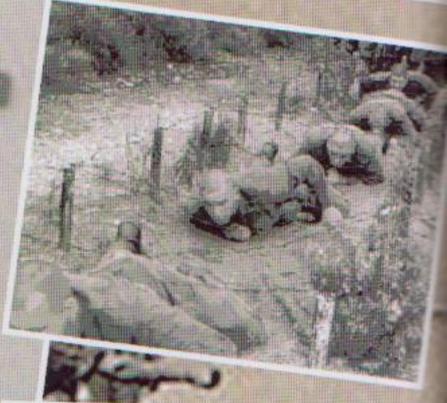
Durante a recruta houve bons e maus momentos. Aquela frase que andava sempre a ouvir dos mosqueteiros "um por todos e todos por um" afinal entendi realmente o que ela valia.

Depois de deixar a mala na caserna, faz-se fila para a carecada do dia com a máquina zero. Assiste-se a uma palestra sobre o que nos espera durante os três primeiros meses. Poucos parecem assustados. Mas nas mãos, que estremecem, transparece a ansiedade. Era-mos cerca de 280, mas depois, passou a ser cerca de 265 a receber a boina verde.



A primeira semana foi a pior de todas. Temos de nos habituar àquilo que é novo: os horários, o uniforme, as botas, as pessoas. Depois de viajar com os 21 camaradas no SC-54 e juntar-nos com mais 8 de sítios diferentes da metrópole para completar um pelotão, pensamos que vai ser complicado, mas ao fim de algum tempo, já nos damos bem como se fosse família. Às vezes o bivaque desaparecia da cabeça do mais distraído, mas pouco tempo depois era recuperado com aquela frase "a tropa manda desenrascar".

No dia 02SET65 sou  
incorporado como recruta no  
Regimento de Caçadores  
Pára-quedistas/Tancos com o  
nº.385/65.



## 32º. CURSO DE PARA-QUEDISMO MILITAR

O 32º. Curso de pára-quedismo militar habilitou-me a ser lançado de para-quedas em específicas áreas de operações.

O curso para além da vertente técnica relativamente á aprendizagem do para-quedismo contou com uma forte componente de carga e treino físico.

São 8 horas da manhã. Há já 4 semanas que temos treinos duros e em cadência acelerada. Rebolamos por terra e saltamos da torre. Treinamos e saltamos do banco de madeira, fazendo rolamentos inacreditáveis, que se teimam a considerar como perfeitos, no que são geralmente contrariados pelo sargento monitor, que nos obriga a recomeçar vezes sem fim.

Ao cair da tarde, estafados, prostrados com o corpo dolente, ainda sem fôlego, não falávamos de outra coisa senão no “salto da torre”.

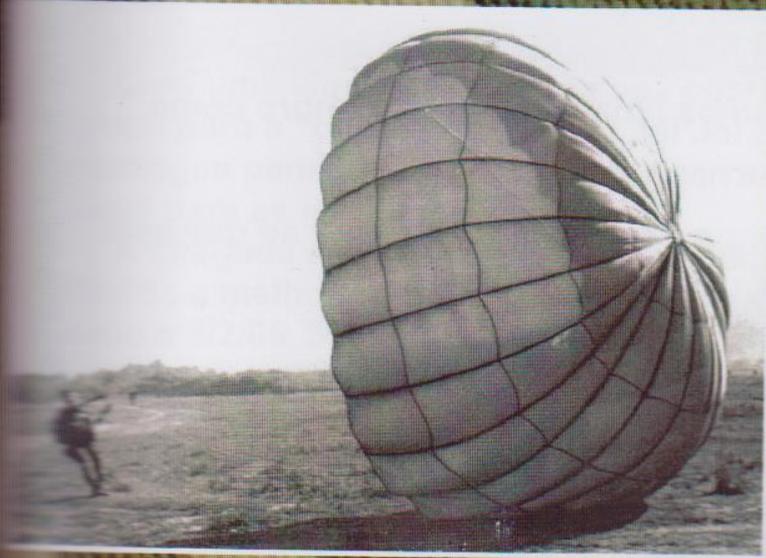
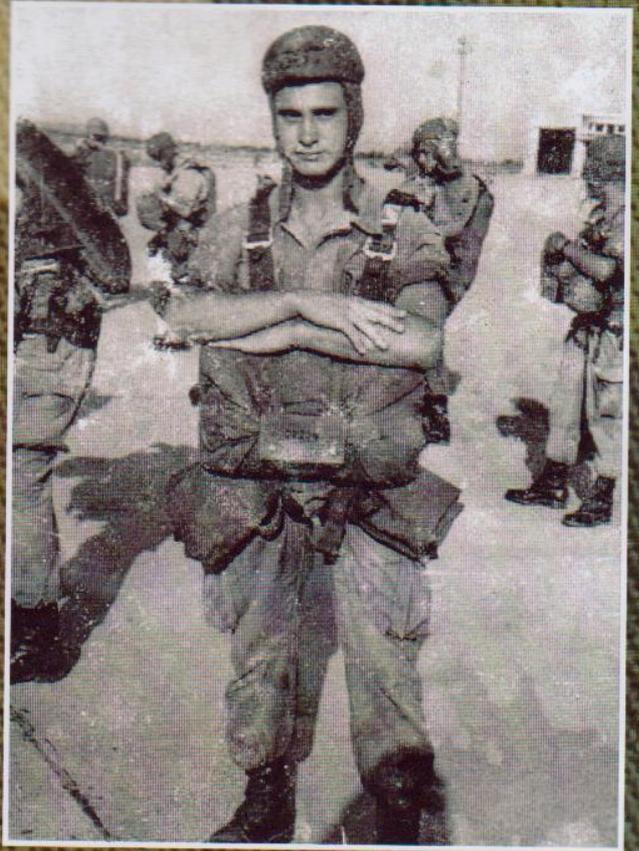
O “salto de avião” era o sonho. Nós éramos todos voluntários. Foi-nos perguntado se queríamos saltar e todos dissemos que sim, porque tencionávamos ser para-quedistas. Ganhamos confiança e tranquilidade. Aquele pequeno gesto de pôr o pé esquerdo fora da porta, já o fizera várias vezes da maqueta...

Á medida que os dias passavam, mais se aproximava o “dia fatal”.

Hoje dia 3/2/1966 é o voo de adaptação. O embarque nas viaturas berliés (camiões) faz-se enquanto o céu, para noroeste, se digna mostrar que não faz intenção de trazer muito vento para que não haja adiamentos.

Desembarca-se próximo dos aviões e reunimos em volta do oficial responsável pela área de embarque:





Um dos momentos mais esperados, acabou de ser concretizado no dia 1 de Março de 1966



Com uma vigorosa palmada nas costas, desembarga o primeiro do grupo para a “obscuridade”. Já! Já! Já!... Chegou a minha vez. Já não se consegue pensar. Uma mãozorra agarra-me pelos ombros e parece que me eleva para as nuvens.

A chegada ao solo não era problema. Saltei!... Único!... Fantástico!... Sem dúvida a melhor sensação de adrenalina que já tive. Seguiu-se depois o 2º salto a 8/2/66, 3º a 9/2/66, 4º a 11/2/66, 5º a 16/2/66, e o 6º a 1/3/1966. Tinha sido uma vontade muito grande a que me propus e não me podia desiludir. Um dos momentos mais esperados, acabara de ser concretizado, e poder mostrar a boina verde e o brevet ao meu tio Domingos, por causa da atitude generosa de me ter criticado quando soube que tinha sido apurado. “Coitado, com um corpo desses quer ser para-quedista, tem juízo, hé, hé hé”.

## CURSO DE COMBATE

Depois veio o curso de combate onde aprendemos a combater em vários cenários, nomeadamente na guerrilha do mato. Saber progredir no terreno sem ser detetado de noite e de dia. Saber montar uma emboscada, saber retirar e reagrupar sem cairmos numa emboscada, golpes de mão, minas e armadilhas, dominar um vasto território com segurança.



Depois do curso de combate, iniciaram-se outras férias. Passeava pela cidade de Viana do Castelo. Não conhecia ninguém, não tinha amigos. Era um estranho no meio das gentes daquela Urbe. Aquela vida parecia não ser a minha. Não era a minha realidade, sobretudo numa idade em que as amizades são mais importantes do que tudo. Fui dar uma volta pelo jardim público e na esplanada do café girassol encontravam-se sentadas a uma mesa quatro jovens vianenses que falavam alegremente. Pagaram a conta e seguiram as quatro em linha na direcção da ponte metálica. Segui atrás e encostando-me a elas digo! - As meninas dão-me licença? - Posso fazer-lhes companhia? Disseram que sim! - Sabem! Eu vim de Moçambique para cumprir o serviço militar! - Sou pára-queda! - Meu nome é Domingos, como se chama a menina? - Rosa! Respondeu! - Bem! Não se importa de ser minha madrinha de guerra? Aqui começou o blá, blá, blá e depois foi só a troca de endereços. Acompanhei-as até ao fim da rua Manuel Espregueira e escrevia-lhe todas as semanas.



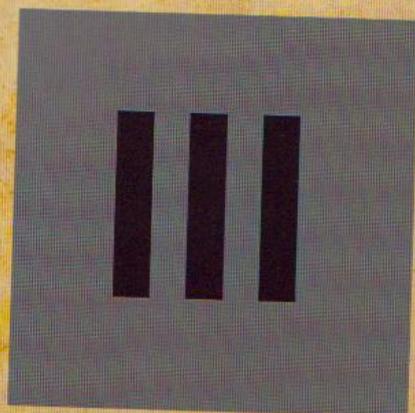
Desde os primeiros tempos de existência do Batalhão de Caçadores Paraquedistas que se tentaram implementar os Cães Militares. Em 07JUN56, o Comando do BCP solicita va ao CITFA o fornecimento de "manuais de treino e tratamento de cães..." dando preferência aos então utilizados pelo Exército Inglês. Tal deveu-se a terem sido oferecidos à Unidade um casal de cães de Pastor Alemão e o Comandante do BCP considerar que seria "vantajoso que a descendência fosse convenientemente instruída", no entanto a maioria dos cães eram comprados em feiras na Alemanha, já com 18 meses de idade e posteriormente treinados no RCP.

No dia 15/03/1966, foi-me distribuído o cão de nome Erle, recém chegado de uma missão em Angola. No dia 1-9-66 termino o tirocínio de paraquedismo e no dia 2-9-66 o curso de Tratador e treinador de cães de guerra, onde aprendemos a descobrir com o cão, inimigos emboscados e granadas ou minas armadilhadas nas picadas.



O ULTRAMAR

# capítulo



No dia 4 de Janeiro de 1968, com mais cinco colegas embarcamos no Barco NIASSA rumo a Moçambique.

O Paquete Niassa estava fundeado no cais de Alcântara para levar um grande contingente militar rumo a Moçambique.

Cumpridas as praxes militares, o paquete deixou o cais. Os aposentos eram um espaço que dava apenas largura para um militar se estender e pouco mais. Eram os porões transformados em casernas, com estreitas tarimbas, a servirem de camas. O Tejo estava bravo naquele dia e as escadas que davam acesso aos porões em breve se encheram do que a maior parte dos estômagos não podiam suportar.

Depois de tomar conta da minha posição, optei por mudar para junto das jaulas dos cães ao ar livre. De relance olhei o passado, com saudades do paquete Vera Cruz em 1956 quando viajei para Moçambique como colono, com 9 anos de idade. A viagem a bordo tornou-se um martírio. O Niassa transportava cerca de dois mil e quinhentos homens, quando fora concebido apenas para uns seiscentos, tanto mais que tudo quanto fosse praça (soldado) tinha além do péssimo alojamento, de se servir da cobertura para refeições num prato de alumínio.

Os soldados do exército refugiavam-se no fundo dos porões, rabiscando nos aerogramas pequenos “gatafunhos” que diziam ser notícias frescas para tranquilizar os familiares, enquanto outros, recostados num qualquer recanto do navio, iam tragando um naco de presunto e enxaguando a goela de “tintol” para dar sossego à sua inquietação.

Num outro recanto e numa algazarra que mais parecia uma sala e amontoados sobre um baralho de cartas que depois de viradas distribuía bastas tristezas e outras tantas alegrias, alguns soldados faziam tilintar moedas que já pareciam cansadas e fartas de pertencerem a diversos donos, num vaivém que provocava a angústia de quem não tinha sorte ao jogo.

Nos salões do navio respirava-se outro ambiente, onde os oficiais e sargentos desfrutavam de um outro conforto e comodidade que contrastava com a incomodidade de quem, mais parecendo saído do fundo de uma mina, tinha que se contentar no fundo dos porões (...) Os pára-quadristas habituados às óptimas refeições no RCP em Tancos, não conseguiam ingerir a comida. Os primeiros sinais foram de náuseas e vômitos. Emagrecíamos a olhos vistos e os nossos protestos não eram ouvidos. A determinada altura chegou aos ouvidos do comandante do navio que nós estávamos em greve de fome o que era considerado muito grave. O comandante determinou que um de nós se apresentasse no seu gabinete. Ninguém assumia essa responsabilidade, porém, alguém disse: “Vai o Lário que é o mais velho”. Assim foi. Na presença do comandante esclareci que aquilo não era uma greve, apenas não conseguíamos ingerir a comida fornecida pelo navio, porque quando o fazíamos logo vomitávamos, acrescentando-lhe que me sentia doente e receava não chegar ao destino. Mediante este esclarecimento o comandante privilegiou-nos com refeições na cozinha, o que evitava o rancho geral, um desconforto para quem viajava no mar alto, durante tantos dias.

O navio atracou no porto de Lourenço Marques no dia 25 de Janeiro, e fomos colocados no Aeródromo-Base Nº 8 (AB8), a aguardar transporte de avião militar para o BCP 31 na cidade da Beira, onde chegamos no dia 5 de Fevereiro.



Tinha passado parte da minha infância na cidade de Lourenço Marques que de labiríntico nada tinha se excetuarmos os chamados subúrbios onde trabalhara nas cantinas, antes de ingressar nas forças armadas. Os colegas pediram-me para os levar a passear o que fiz, mas para me vingar, (pois sempre lhes dizia) “você gozam comigo aqui no continente, mas quando chegarmos a Moçambique será a minha vez, não se esqueçam disso”. Levei-os a conhecer os subúrbios da Avenida do Trabalho e um local mais conhecido por zona perigosa.

Percorriamos os carreiros apertados ao lado do caniçal das palhotas, de passos silenciosos, pisando o chão em segredo. Os indígenas que me reconheceram ficaram surpreendidos de me ver fardado. Os para-quedistas tinham muita fama de bons combatentes no norte de Moçambique, porém, os habitantes locais não se mostravam muito amistosos perante aquela farda. A dado momento os colegas começam a sentir receio do local e imploravam-me para os tirar daquele labirinto.



Trajados à civil, o Emídio Fernandes queria conhecer a célebre Rua Carvalho Araújo chamada “Rua do crime”, onde proliferavam os cabarés e boîtes, e onde muita gente deixava nas mãos de umas esculturais mulheres, algumas notas de escudo e os enganavam vertendo o champanhe para dentro dos baldes de gelo.

Ao cair da noite apanhamos um machibombo que nos levou até a baixa da cidade e uma vez na referida rua, optei por um simples estabelecimento de bebidas, com mulheres agarradas aos soldados recém-chegados da metrópole.

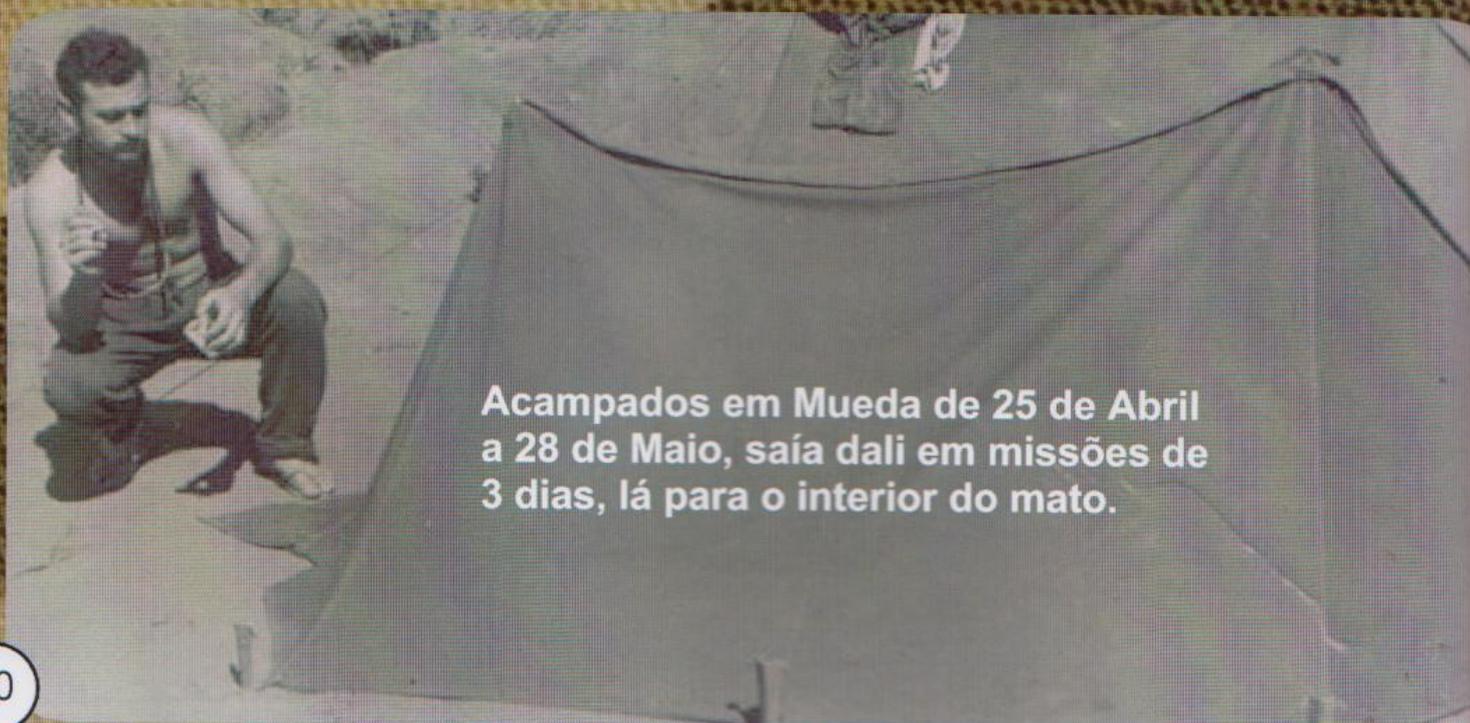
Aqui um ex para-quedista mais conhecido por “sangue azul” desferiu um intencional empurrão ao Fernandes provocando-o para uma luta.

Depressa se forma no local uma pequena multidão de mirones que faz acionar a intervenção da Polícia Militar permitindo acabar com a contenda e conduzir-nos num jipe para a base aérea.





Instalado no Batalhão de Caçadores Pára-quedistas nº. 31, na Base Aérea 10, Macute-Beira, com o nº. 215/68, preparou-se a minha primeira intervenção no Norte de Moçambique a partir de Mueda integrando-me na 4ª. Companhia, comandada pelo tenente Ramos Lousada no dia 25 de Abril de 1968.



Acampados em Mueda de 25 de Abril a 28 de Maio, saía dali em missões de 3 dias, lá para o interior do mato.

**25 de Abril a 28 de Maio de 1968**

Acampados em Mueda por um período de um mês, saía dali em missões de 3 dias, lá para o interior do mato. Era já manhã de cacimbo fresco, quando saio da barraca e piso folhas de cajueiro velho. Na picada de matope seco, caminho em direcção ao quartel do exército para matar o "bicho" tempo suficiente para tragar uma sandes de fiambre e beber uma laranjada. Que grande surpresa. A minha frente e ao balcão como barista estava meu irmão. Que prazer, que alegria. Foi um sentimento inexplicável. Existem códigos secretos que só pertencem aos que partilharam a mesma mesa, o mesmo quarto, as mesmas brincadeiras. Mesmo longe, as mãos se reconhecem e se apoiam. Mesmo sem palavras, o entendimento é real. E no fim das contas, é aquele olhar cúmplice que nos levanta e aquece. Meu irmão ficou aparvalhado quando me viu. - Tu!... Por aqui! Perdeste o juízo? Dá cá um abraço! Contou-me que tinha caído numa emboscada e ficado ferido numa perna. Agora só lhe restava esperar por transporte de regresso a Lourenço Marques e passar à disponibilidade.

Nós somos irmãos, como o comprovam as evidentes parecenças. Nascemos dos mesmos pais, tivemos a mesma educação e princípios, mas porque tal como os dedos de uma só mão que são todos diferentes, também nós fomos únicos e especiais, escolhendo caminhos diferentes para atingir o mesmo fim e propósito. Ambos servimos a Pátria da melhor maneira que sabíamos, a defendemos mesmo com o risco da própria vida. E se um acedeu a sítios inacessíveis saltando de um avião, outro fez operações difíceis da maneira eficaz que só ele sabia.

Valorizamo-nos um ao outro porque somos do mesmo sangue, sabíamos como ninguém o que um e outro éramos capazes...

Quanto a mim foi obra do acaso. Com boinas de cores diferentes seguimos como bravos e leais, os seus chefes de Comando.





Os Macondes são um povo de grande personalidade, com características muito marcadas e diferenciadas dos povos circundantes. Apesar de muito aguerridos, são conhecidos pelos seus extraordinários dotes artísticos. Trabalham o pau-preto, o m'pingo, do qual fazem belas estatuetas e outros objectos de arte. Faziam-se tatuar por quase todo o corpo, incluindo a cara. No fundo, estas tatuagens não eram mais do que cicatrizes de feridas provocadas por cortes à navalha, sobre os quais era colocada cinza. E como se tal não bastasse, as mulheres furavam o lábio superior para colocar o indona, uma rodela de osso branco como mostra a figura ao lado. Com a idade, o orifício alargava e o indona tinha que ser cada vez maior. Os homens, limam os dentes em forma de serra, para lhes dar um ar feroz, mas para eles, as tatuagens eram apenas enfeites tradicionais.

Em Mueda, povoação em si era pequena, mas muito bela, rasgada por uma pequena avenida central de terra batida.

Durante o dia, as tropas confraternizam na cantina do china, mesmo ali à entrada da pista. Há muita confusão e os turras aproveitam para comprar alguns bens que levam para a mata. Tudo se sabe mas ninguém faz nada para manter boas relações de proximidade e sobrevivência.





## OPERAÇÃO "TARECO"

**02 a 05 de Maio de 1968**

O tenente Pára-quedista Ramos Lousada, com as cartas topográficas da zona de acção da região dos rios Uteco e Lipuede na mão, convocou o tenente pára-quedista Adelino Martins e o alferes pára-quedista Varela Martins para o "briefing" preparativo da missão. Estendendo a carta ali mesmo ao lado das barracas de lona, disse: Vamos bater a região dos rios Uteco e Lipuede, detectar e aniquilar as organizações inimigas aí existentes e destruir os seus meios de sobrevivência. 4<sup>a</sup> C.Caçadores Páras a 4 grupos a trinta homens, sob o meu comando, articulada em 2 sub agrupamentos, pelo tenente Adelino e alferes Varela.

- Vamos passar a zona mais complicada do planalto dos Macondes; talvez o ponto nevrálgico da passagem do reabastecimento do norte para sul dos rios Uteco e Lipuede. Aponta os locais onde iríamos permanecer 3 dias em missões de assalto, emboscadas e batidas na mata.

**Dia 01MAI68**

Pelas 17h00 foram recebidas as viaturas e organizada a coluna.

**Dia 02MAI68**

Saída de Mueda pelas 04h20, em coluna auto, em direcção a Miteda. (As informações referiam a existência de acampamentos dos guerrilheiros. Já lá vão cinco meses, desde que o pelotão de escolta às viaturas, que transportaram os pára-quedistas para o vale de Miteda, a norte de Muatide, fora atacado, ao regressar à base de Miteda, sofrendo dois mortos e cinco feridos).

- Meus senhores, toca a entrar para as viaturas que nos vão levar a Miteda, ordenou o tenente.

A neblina da manhã ainda encobria o acampamento e não deixava, sequer, descortinar a pista de aviação situada a cinquenta metros. Ordenadamente, o embarque foi feito por secções em seis Unimogs e três Berliets.





A primeira berliet está atulhada de sacos de terra para prevenir rebentamentos de minas anti-carro. Seis carregadores de munições e duas granadas ofensivas por cada homem, eram a reserva beligerante; uma manta para dormir, rações de combate para três dias e um cantil de água eram os meios acessórios para aguentar a difícil missão.

Alguns dos carros são unimogs sem qualquer protecção aos soldados que lá vão sentados de peito feito, virados para o mato com a arma entre as pernas e preparados para saltar ao primeiro tiro.

Pelas 05h20, estabeleceu-se contacto com a C. Caçadores 1803, cerca do Posto de Água 14, junto à antiga povoação Chimenha. Depois de agrupados avançamos em fila indiana engolidos pelo mato cerrado. O dia começa a nascer e a erva húmida da cacimba ainda molha as calças. Cerca das 09h00 iniciou-se a descida do planalto. Evitam-se os carreiros que podiam estar plantados de minas anti-pessoal. Tínhamos que prevenir as emboscadas e chegar à base inimiga de surpresa. Passado pouco tempo embora a progressão fosse lenta, silenciosa e executada a todo terreno, ouviram-se os característicos gritos do inimigo avisando a população da nossa presença.

Poucos acreditavam na actualidade das fotografias e nas distâncias de referência; mas uma hora de marcha cuidadosa, atingimos as nascentes do rio Uteco onde montamos emboscadas. Pelas 13h30 os agrupamentos separaram-se, passando a companhia a bater a margem direita do rio.



A coluna um a um, em fila indiana, era formação de combate mais utilizado pelos militares para-quadistas nas suas deslocações apeadas. Seguir por trilho já aberto na floresta ou avançar a corta-mato era a difícil opção a tomar em cada momento da progressão. Abrir caminho na floresta densa ou na savana de arbustos e ramos entrançados e espinhosos era mais seguro, mas constituía esforço tremendo que nos esgotava em poucos quilómetros enquanto que aproveitar os trilhos já batidos pelas populações ou abertos por outros militares permitia avançar com maior facilidade, mas representava risco acrescido de enfrentar uma emboscada ou mina. Optar por uma ou outra das soluções resultava da análise da situação, mas era sempre jogo perigoso. Quando havia que chegar rapidamente aos objectivos e as tropas julgavam que a sua presença não fora ainda detectada escolhia-se marchar pelos trilhos e confiava-se na sorte. O soldado numero um, dois e três da formação procurava ler o terreno onde lia os pés e ver para além das árvores que se encontrava diante de si, de modo a evitar as armadilhas e a estar preparado para reagir a alguma emboscada. Para esse efeito os Para-quadistas tinham nas suas deslocações dois cães e seus tratadores.

- Homem do cão para a frente da coluna, - ordenou o tenente.

Continuou-se e passado algum tempo avistaram-se 10 elementos inimigos em fuga. Como estivessem bastante longe não foram perseguidos. A progressão foi interrompida pelas 17h00. Montou-se emboscadas durante a noite que não resultaram.

Era já madrugada quando o sol nasceu e jorrou vagas de calor inclemente sobre os corpos suados.

Com as calças a balançarem debaixo das cartucheiras pesadas, pensou-se em calar o estômago já contraído.

As mochilas de campanha, acomodadas sobre as fardas húmidas e sujas, foram aliviadas de algumas latas de conserva de carne de porco.

Os detritos, o cheiro das latas engorduradas, eram um tentador convite para as carnívoras formigas a que muito a propósito, apelidavam de "cadáver", e apareciam de todo o lado, como que chamados por batuque festivo ao banquete real que a carne odorosa da malta lhes deixava.

Iniciamos a progressão e cerca das 09h30 detectou-se um acampamento tipo "quartel", com cerca de trinta e cinco palhotas abandonadas. O acampamento foi destruído. A progressão continuou seguindo o rumo anterior até cerca das 12h00, montando-se emboscadas até às 14h30 que não resultaram. A progressão foi reiniciada, e pouco tempo depois ouviu-se à retaguarda um rebentamento de granada de mão e rajadas de arma automática de procedência desconhecida. No dia seguinte seguimos para o rio Lipuede. Cerca das 08h00 os elementos da frente depararam com um grupo inimigo que se puseram em fuga, tendo sido abatidos dois deles.

Cerca de 300 metros adiante foi encontrado um acampamento com cerca de 40 palhotas abandonadas.

Pelas 16h45, quando se atravessava uma cachoeira existente no rio Nimo, afluente esquerdo do rio Lipuede, o soldado Antônio Alves escorregou e precipitou-se de uma altura de cinco metros, tendo sido evacuado por um heli que nessa altura sobrevoava a zona.



As mochilas de campanha, acomodadas sobre as fardas húmidas e sujas, foram aliviadas de algumas latas de conserva de carne de porco.

O sub agrupamento n.º 2 continuou em progressão lenta, e mais a frente detectei os primeiros sinais de grande desgaste nos trilhos. O tenente mandou parar. Orientou a carta topográfica com as fotografias aéreas, e confirmou o que parecia ser evidente:

- Estamos na zona. O trilho é aquele para sul, mas muito cuidado com as armadilhas. Cerca de dois quilómetros a frente o tenente manda seguir a cortamato, enquanto for possível.

- Lário, recua para trás da primeira secção, ordenou o sargento.

A pulsação acelerava com preocupantes variações e os olhos deparavam-se com a insegurança do percurso que perturba a respiração, tal era a vastidão deste cenário negro. Ninguém ficou indiferente ao ambiente sombrio das densas árvores que assombram o interior da mata, por onde nos arrastamos ao encontro das hipotéticas palhotas que acolhem guerrilheiros. Sente-se uma espécie de arrepio ao entrar, como quem avança para o abismo, sabendo da ameaça do inimigo. Meia hora depois um guerrilheiro que nos tentava emboscar foi abatido e pouco depois mais dois. Montou-se uma emboscada até às 14h00 e foi abatido outro inimigo que se recusou a parar e que transportava uma mensagem em língua Maconde. Mais tarde quando se cruzava uma machamba de milho, avistaram-se no flanco esquerdo vários inimigos, tendo sido capturado um e abatidos cinco. Após um interrogatório sumário ao capturado seguiu-se as suas indicações que nos levaria a um acampamento. O alferes ordena-me passar para a testa da coluna e seguir o trilho para evitar cair nas emboscadas ou granadas armadilhadas.

Com efeito atingiu-se o local composto por apenas 10 palhotas que foram incendiadas. Com o cair da tarde, o Tenente determina a retirada para pernoita. Impunham-se cuidados especiais neste “mudar de sítio”. O novo local de pernoita não era diferente. As mesmas árvores, o mesmo céu, a mesma terra seca, os mesmos pássaros e, a mesma formiga carnívora que nos obrigava a correr para não sermos picados. Tinham passado três dias no mato a ansiar por poder tomar um banho e poder deitar-me ao comprido sobre algo que não fossem pedras e mato, e de repente a solidão. Sem aviso. Os olhos a fugirem para uma insignificância qualquer. Por vezes, ficava a olhar para uma simples árvore, a pensar o que ela faria se não estivesse mais ali... À noite a Lua lá em cima aproxima-se. A Lua pode ver-nos a todos ao mesmo tempo e isso dá-me uma ilusão de proximidade. Ao meu lado, o Bexiga segredava-me. Isto já não dá nada! -Quase não há ração, a água acabou! -(No meu cantil suplente, existia sempre uma gota de água para os mais desesperados, e que sufocavam com sede debaixo de um sol abrasador.) Então retorqui! O bidão com 20 litros de água que o carregador transporta é destinada ao cão. Bebe umas gotas do meu cantil suplente, mas não abuses.

Pelas 05h00 iniciou-se a progressão de regresso a cortamato! -Apre, esta porcaria está cheia de feijão macaco! Vociferou o 1.º cabo Varela, enquanto se coçava aflitivamente. Aquele pó que as malvadas feijocas libertam ao serem tocadas era mesmo demoníaco. Valeu a voz rouca das berliés que já se encontravam a nossa espera na picada Nancatari-Mueda e que nos levaria de regresso a Mueda, onde acampamos.

## OPERAÇÃO "TITAN"

**Zona sa acção:** Região dos rios Muera e Muatide nas faldas do planalto de Mueda.

11 a 13 de Maio de 1968.

**Missão:** Atacar e destruir a Base "Moçambique", as suas organizações de apoio e os seus meios de vida.

### Dia 11MAI68

Pelas 07h00 foram recebidas as viaturas e organizada a coluna auto. O movimento iniciou-se pelas 9h15 e atingiu-se o Sagal pelas 11h00. Contactou-se com o agrupamento da Companhia de Caçadores 1712 e a 10ª Companhia de Comandos. Pelas 16h30 aqueles agrupamentos entraram na sua Zona de Acção e o nosso grupo de para-quedistas continuaram em deslocamento auto até atingirmos a "curva da morte" e cerca de 3km a frente abandonamos as viaturas e penetrou-se na zona por trilho gentílico. Cerca das 20h30 surgiu um acampamento abandonado com oito palhotas e mais à frente, outro, com nove palhotas também abandonadas. Uma hora depois, detectou-se novo acampamento, desta vez habitado. Atravessou-se o acampamento cautelosamente em silêncio. Cerca de 300 metros à frente surgiu outro. Quando cheguei ao descampado junto às palhotas, ouviu-se vozes e o cão começou a rosar agressivamente pelo que tive que o segurar e afastando-me para a berma da mata, vi alguns vultos inimigos a fugirem e a refugiarem-se na mata. De repente começou uma saraivada de tiros de metralhadora. O cão enfurecido não parava de ladrar e temi que o inimigo descobrisse a minha posição pouco confortável. As rajadas de metralhadora fez acordar todos os elementos inimigos dos acampamentos vizinhos. Ainda a coluna se preparava para fazer a segunda curva de uma "picada" e uma chuva de balas começa a bater os arbustos à nossa frente. Com os corpos colados ao chão, os combatentes da frente não tinham hipótese de reagir com eficácia. Mas, os homens do pelotão da retaguarda avançaram de árvore em árvore, na direcção dos guerrilheiros, atirando fogo em pequenas rajadas que desalojaram o inimigo dos seus redutos de ataque. Quebrada a surpresa executou-se o assalto final, tendo sido capturados 3 elementos inimigos e abatido um número indeterminado.

Eu sabia que quando chegássemos ao próximo aldeamento formado por 4 acampamentos com 52 palhotas, não encontraríamos lá ninguém, e que só teríamos de as incendiar.

Cerca das 23h00 atingiu-se o rio Muera, continuando a progressão para Sul.

### Dia 12MAI68

Cerca das 01h00, com os ouvidos atentos e em fila indiana procurou-se local próprio para descanso e montar uma emboscada. Não o foi muito, porque os nervos excitados ainda não haviam atingido o "rilex"; tão difícil de conseguir naquela guerra desgastante, nada convencional.

E, quando os raios de sol tropical já rasgavam as copas das árvores, espalhados por entre os arbustos, aguardava-se silenciosos. O silêncio magoava! Era Duro! Já durava horas! De repente explode uma granada, mais outra e outra, quase em simultâneo. No trilho armadilhado um elemento inimigo corria, corria e gritava "UIO-MAMA" UIO-MAMA". O grito era sinal já antigo que os turras lançavam para avisarem os mais recuados. Por incrível que pareça, depois de perseguido não foi encontrado apesar de ferido gravemente.

Pelas 10h30 iniciou-se a progressão para a Base inimiga, onde chegamos à "Base Moçambique" pelas 12h00, localizada no interior de uma densa mata e com indícios de se encontrar em construção, constituída por 40 palhotas. Depois de destruída seguimos em direcção à foz do rio Muatide. Percorrer quilómetros de picadas cheias de obstáculos e matas quase intransponíveis era uma odisséia de gente ousada e determinada a vencer.

Durante a progressão foram destruídos mais quatro acampamentos num total de 50 palhotas. Pelas 16h00 atravessou-se o rio Muera e às 16h30 montaram-se emboscadas para pernoita e encontro com a 10ª Companhia de Comandos.

Cerca das 21h00, ouviu-se um tiro seco. Seguiu-se um desordenado e barulhento pegar nas armas em repouso junto aos joelhos. Ouvidos atentos, olhos a girarem em todas as direcções, interrogativos, numa fracção de segundos. De repente, o ar em volta é cortado por uma sinfonia macabra de tiros. O sargento grita... -Porra! -Parem o fogo... -São Comandos...

Do outro lado ouvem-se gritos! -Somos comaaandos...

Estavam enervados por lhe terem abatido o guia! -Estabelece ligação rádio que eu quero falar com os gajos! Balbuciu o tenente, já preocupado com toda aquela situação nada agradável! -Então mandam o vosso guia à frente? -Os meus homens abateram-no porque julgaram tratar-se de um turra. Vozes discordantes e agitadas vindo dos Comandos soterravam os nossos ouvidos! -Foram eles que deram o primeiro tiro, meu alferes..."

Já rompia a madrugada quando o tenente se mostrou desolado, irritado, pelo incidente com o agrupamento da Companhia de Caçadores 1712 e 10ª.

Companhia de Comandos. Andar embrenhado naquela selva, deu para perceber de imediato que o perigo era permanente;

## **Dia 13MAI68**

Pelas 05h00 as emboscadas foram levantadas e destruídos dois acampamentos com trinta e quatro palhotas que haviam sido assaltados na véspera durante a noite.

Pelas 09h45 atingiu-se a estrada Diaca-Sagal e pelas 11h00 a base Sagal onde foi organizada a coluna auto de regresso a Mueda.

## OPERAÇÃO "VAMPIRO"

**Zona de acção:** Região dos rios Sinheu e Mutamba a Norte de Diaca.

**Período:** 19 a 21 de Maio de 1968

**Missão:** Atacar e destruir a Base "Tete", as suas organizações de apoio e os seus meios de subsistência.

### Dia 19MAIO

Saída de Mueda às 04h50 em coluna auto pela estrada Mueda-Mocimboa da Praia. Às 06h00 atingiu-se o Sagal, onde foram incorporados na coluna os dois grupos de combate da 10ª Companhia de Comandos. Pelas 07h30 atingiu-se Diaca onde se contactou com a C. Caçadores 1711. Às 08h30 os agrupamentos dirigiram-se pela picada para Norte em direcção aos objectivos onde o sol a esta hora já castigava mais.

Pelas 09h00 o meu cão que seguia na testa da coluna, ao fazer o reconhecimento de uma área coberta de árvores, deu com um grupo de babuínos (macaco cão). Estes macacos são perigosos por serem dotados de grandes caninos. O cão sentindo-se perseguido perdeu-se na mata. Na deslocação cuidada para a base inimiga, ao passarmos junto ao rio Sinheu, um camarada sentindo-se subitamente doente teve que ser evacuado para Diaca por mim e outros elementos das NT. No caminho encontrei o cão bastante doente, tendo sido também evacuado para Diaca e dali para os canis do quartel militar em Nampula, onde permaneci até 28-05-66.



E, quando os raios de sol tropical rasgavam as copas das árvores, espalhados por entre os arbustos, aguardava-se silenciosos.



Eu e o cão no aeródromo de Diaca a espera de ser evacuado para Nampula

## Ocorrências extraordinárias

1965 - Apurado nos termos de 2º parte do Artº 15º da Lei 1961. 1966.-1968 Embasou em Lâmbca via marítima com destino ao Ultramar (B.C.P.31) em 4/1 (00-18-REP). Desembarcou no Porto de L. Marques em 25JA (0530 do B.C.P.31 de 5FEV). Marchou para o Norte da Província em 25AB. Presente em 28MAI. **Aumentado no seu tempo de serviço 100% desde 25ABR a 17MAI e 50% desde 18MAI a 28MAI (05128 do B.C.P.31 de 29MAI).** Marchou para o Norte da Província em 3AGO. Presente em 4SET. **Aumentado no seu tempo de serviço 100% desde 3AGO a 4SET (05209 do B.C.P.31 de 5SET).** Passou a situação de disponibilidade com transferência para o CRM3 em 01DEZ, tendo sido abatido ao efetivo desta Unidade desde a mesma data (05282 do B.C.P.31 de 02DEZ). 1974 Alistado na PSP de Lisboa em 30 de Dezembro, onde ficou alistado com o

**03AGO68,  
Missão com a 2ª. Companhia de  
Caçadores Pára-quedistas nº.31**



**Dia 03AGO68,**

Integrado na 2ª. Companhia de Caçadores Pára-quedistas nº.31, seguimos num Nord-Atlas rumo a Mueda para render a 4ª. Companhia.

De Mueda, a Missão Católica de Nangololo transformada em quartel ficava no caminho, e era uma autêntica obra de arte andar mais uns quilómetros para evitar que se corresse o risco inerente a uma emboscada naquelas paragens. Estou a referir-me a célebre “curva da morte”, a estrada de terra batida cuja berma florestada estava infestada de guerrilheiros inimigos, que a cada passo, nos contemplavam com algumas surpresas. Três horas passadas e já se avistava a igreja de Nangololo, ponto bem destacado no meio das matas do planalto.

A tropa ali estacionada deu largas ao seu contentamento por ver chegar os pára-quedistas.

O contentamento foi tal que todo o pessoal, afoito, ajudou na descarga dos produtos alimentares bem como as panelas e acessórios das cozinhas, bem acondicionados em local previamente indicado pelo sargento responsável.

Ali ficamos um dia naquela “estância de veraneio”, como dizia o Fernandes.



**MISSÃO CATÓLICA DE NANGOLOLO**



MISSÃO CATÓLICA DE NANGOLOLO

## NANGOLOLO



### Dia 09AGO68

Deu para preparar as mochilas para a primeira missão que arrancaria de amanhã bem cedo.

Seis carregadores de munições, duas granadas ofensivas, a manta para dormir, as rações de combate para três dias e dois cantis de água era a minha reserva beligerante do costume.

O grupo saiu de Nangololo pelas 05h00 em direcção a Miteda e cerca das 08h30, o cão do meu colega foi abatido pelo inimigo.

A ordem de passa palavra chegou rapidamente. O Lário que avance com o cão para a frente da coluna. Atrás de mim, o pessoal logo se movimentou para formar a fila indiana.

Quatro horas de marcha cuidadosa, para a base inimiga decorreram sem percalços, porém antes de atingir o objectivo, um bando de babuínos, também conhecidos pelo nome de macaco cão, fizeram uma gritaria medonha, alertando o inimigo da nossa aproximação.

Recolhemos para saborear a ração de combate. Uma hora depois reiniciamos a progressão e dada a proximidade do objectivo, procurou-se uma mata fechada para pernoita.



**ATRAVESSAR A PICADA DE COSTAS PARA ENGANAR O INIMIGO COM AS PEGADAS NO SOLO**

Às 06h30, e cerca de 500 metros a frente encontraram-se as primeiras palhotas da base. Tratava-se da "Base Tete" e encontrava-se situada numa mata muito fechada, estendendo-se por cerca de setecentos metros. Foi feita a busca e apreendido material de guerra. Após destruição da Base, montou-se emboscadas até às 11h00. O resultado daquela intervenção não compensou os quilómetros percorridos, pois apenas foram encontradas duas idosas e um casal de menores. Mas o pior do que assaltar acampamentos inimigos, era transportar as populações que lá viviam. Nem sempre eram apanhados os guerrilheiros, e as mulheres e as crianças raramente fugiam para a mata. Depois, eram conduzidas para os acampamentos do Exército, onde ficavam sob vigilância...E agora, com as idosas, as coisas ficam mais complicadas. Na retirada do local as idosas caminhavam com muita dificuldade e foi dada ordem para as deixar ficar para trás, porém, dois elementos das nossas tropas resolveram liquidá-las, com o argumento de que elas podiam denunciar a nossa posição. Ninguém disse nada até ao recolhimento para pernoita.

No acolhimento do capim que servia de enxerga, o Castiço não estava tranquilo! O rapaz movia-se e virava-se deitado na manta... e dizia que ouvia um estranho barulho de vozes longínquas! O silêncio da noite inquietava-o com os gemidos que mais ninguém ouvia. Já farto de ver aquele mexer desconexo, exclamei! - Mandaram as velhas para o inferno, mas não te livras do peso da consciência! - Deixa de dançares com os falsos pressentimentos dos espíritos e vê se dormes. De vez em quando ouvia-se falar destas situações que desaguavam na violência ou na patética desordenada, alheios aos sentimentos de dor. E a morte embrulhada na bruma se apoderou da vida daquelas idosas, apenas por não conseguirem acompanhar a coluna lá para o interior do mato denso. Mas, enquanto estas meditações ocorriam, tratava-se era de cumprir mais uma missão, mais uma peça duma engrenagem bem complicada e havia tão só que a desempenhar o melhor possível, com o profissionalismo a que o dever obrigava. Não estávamos nós já bastante identificados com a vida no mato e com os perigos que nos eram inerentes? Em suma, o objectivo era isolar o inimigo e flagelar as suas posições no mato e destruir-lhes o espírito de resistência.

- Eh malta, temos água ali ao lado daquela vegetação! - É melhor enchermos os cantis enquanto isto está calmo. - Diz o sargento! - Pessoal, em grupos de três, vão reabastecer-se de água. Com os cantis abastecidos daquele precioso líquido, passei o caudal de água corrente e com o pé na outra margem, entrei numa clareira. À minha esquerda e acerca de cinquenta metros avisto uma sentinela inimiga. Surpreendidos, os nossos olhos acenderam os máximos e por segundos parámos no tempo. O guerrilheiro, veloz como gazela dá meia volta e foge em direcção oposta, evaporando-se na mata.

Um a um ia passando palavra até chegar ao Comandante da companhia o avistamento do inimigo. Não era de arriscar empenhar pessoal numa batida. O Tenente dá ordens para seguir em frente, por percurso agreste. O guia que conhecia bem a zona, pode levar-nos a ganhar tempo e chegar ao local pretendido para interceptar o inimigo no aldeamento. Atingiu-se o local composto por apenas 14 palhotas que foram incendiadas e raptadas duas mulheres e duas crianças. Com o cair da tarde, o Tenente determina a retirada para pernoita.

O outro dia foi mais complicado. A ração, em termos logísticos, já havia acabado, não obstante o pouco apetite do dia anterior e o "calo" de poupança do pessoal guardassem umas latas providenciais. À água é que molhava poucos cantis! - falta muito para chegarmos ao Rio Montepuez? - pergunta o Cabo Vicente, quando já tínhamos duas horas de progressão na mata e o sol já rolava há muito por entre o arvoredos, agora mais verdejante e espesso, com o aproximar do rio tão desejado.

E o guia, um maconde que vivera naquela zona, agora deserta e onde tivera a sua palhota e uma machamba de mandioca, aponta para o céu sem nuvens e indicando um ponto imaginário, respondeu! - se não pararmos, quando o sol estiver ali, já estamos no rio.

Pouco passava das onze horas quando atingimos a margem com vegetação densa e viçosa. O trilho, bifurcava-se ali e perdia corpo, para se transformar numa manta de abundantes pegadas. Era aquele o local pretendido para a última tentativa de interceptar o inimigo no seu regresso de ataque ao aldeamento.

Para o guia, que não deixando de respeitar, no essencial, as ordens que recebia, valia bem mais o objetivo pessoal e a guarda das duas mulheres e as duas crianças raptadas no aldeamento.

A primeira secção já está abastecida de água. Vou agora com o meu cão, enquanto o alferes esticando a antena do Racal, tentava comunicar ao comandante a situação. O restante pessoal, disposto em linha paralela ao leito do rio, tomava posições, não fosse surgir alguma surpresa, enquanto outros se guarneciam daquela preciosa água.

A seguir prepara-se o terreno para montar uma emboscada, num terreno pouco apropriado.

A vegetação cerrada, com ramos entrelaçados sobre a margem, apesar de abrigada e bem camuflada, tinha o inconveniente de não permitir ligação à vista entre o pessoal, mas tinha vantagem de surpreender o inimigo na travessia do rio.

Tudo começou pouco depois. Seguiu-se um tiroteio imenso, medonho. Os gritos confundia-se com o arrebentar constante das granadas que levantavam água fervilhante. Gritos de dor à mistura, davam aquele quadro um reflexo de luta e morte, refeição para os abutres que não tardariam a chegar.

O pessoal levantou a emboscada e iniciou a retirada. Pelo caminho foram detectados indícios de possível existência de acampamentos. Isso não impediu a continuação da marcha até se ter atingido a picada Miteda, local onde o meu cão despoletou uma granada, armadilhada pelo inimigo. O cão ao tropeçar no arame, ouviu-se o disparo do percutor e gritei! - "armadilha". Lancei-me ao chão protegido pela mochila, menos o guia que seguia atrás de mim. Recordo que ouvi gritos para que ele se deitasse, mas já era tarde. São fracções de segundos. Quando se apercebeu, um estilhaço tinha-lhe perfurado a parte superior da perna. A areia levantada pela explosão atingiu-me a cabeça que junto com o sangue derramado formava uma pasta, causando-me ferimentos ligeiros.

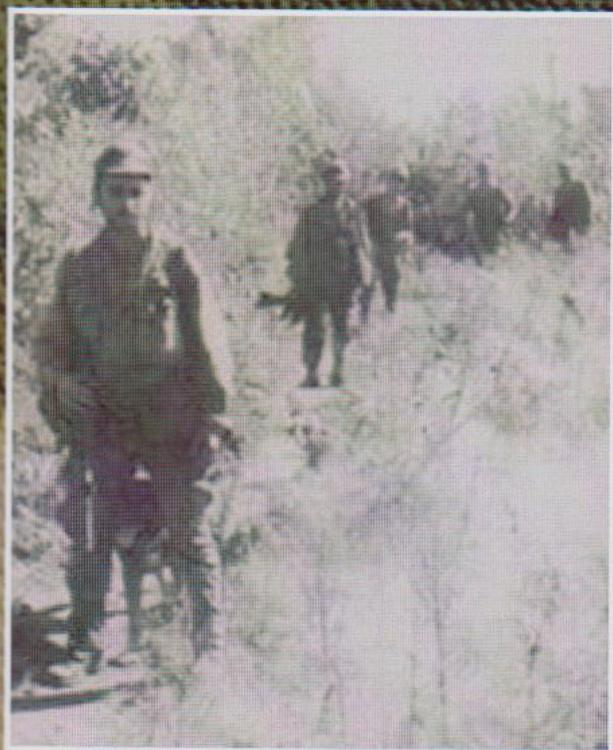
Posicionados nos locais mais apropriados por questões de segurança, o enfermeiro socorreu o guia, enquanto o operador do PRC-10 tentava comunicar! - novembar, novembar, aqui alfa, escuto... que porcaria de rádios... não chega a lado nenhum. Tanto insistiu até que ouviu o ronco de um helicóptero. Pediu para mandarem o novembar evacuar o guia, dando as coordenadas. O enfermeiro fazia o que podia e depois de limpar as feridas, enrolou uma ligadura em volta da minha cabeça para estancar o sangue.

Nada mais aconteceu naquele dia que colorisse àquele quadro vivo de corações enervados, até sentir a chegada das berliés que nos transportou de regresso à Base. (4SET68)

Passei à disponibilidade no dia 01DEZ1968.



dois elementos das nossas tropas resolveram liquidá-las, com o argumento de que elas podiam denunciar a nossa posição



O grupo saiu de Nangololo pelas 05h00 em direcção a Miteda e cerca das 08h30, o cão do meu colega na foto ao lado foi abatido pelo inimigo. A ordem de passa palavra chegou rapidamente. O Lário que avance com o cão para a frente da coluna.



Em 1965, centenas de jovens portugueses foram voluntários para as Tropas Para-quedistas. Sabiam qual o seu destino e queriam estar na linha da frente. Muitos voltaram a Tancos agora, 50 anos depois. Promovida pela União Portuguesa de Pára-quedistas (UPP) em parceria com a Escola de Tropas Pára-quedistas, decorreu em 27 de Outubro de 2016, no lugar que lhe é próprio - Tancos, Casa-Mãe dos Militares Pára-quedistas Portugueses. O encontro dos pára-quedistas do 8º. pelotão de recruta de 1965, que terminaram o curso de para-quedismo militar em 1966, apenas compareceram o Carrilho-377/65, Lário - 385/65, Esteves-386/65, Pereira-387/65, Coraceiro-388/65, Rainha-392/65, Umbelina-394/65, Osseman-395/65.

50 anos depois da imposição do seu brevê militar de pára-quedista, os então alunos dos 32º, 33º, 34º, 35º e 36º Cursos de Pára-quedismo, juntaram-se para recordar tempos idos.

A presença de antigos comandantes e instrutores, familiares e amigos, conferiu um muito agradável ambiente revivalista. Cada um dos homenageados recebeu um certificado e medalha comemorativos dos 50 anos da sua condição de Pára-quedista.

No momento da desconcentração, restou a alegria dos que se reencontraram passados tantos anos.

